



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA- UNILAB
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO- PROGAD
INSTITUTO DE HUMANIDADES- IH
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

BÁRBARA MARIA ALVES DOS SANTOS

“O MEU COCO É A COR DA MINHA GENTE”

REDENÇÃO-CEARÁ

JULHO/2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

BÁRBARA MARIA ALVES DOS SANTOS

“O MEU COCO É A COR DA MINHA GENTE”

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
APRESENTADO COMO REQUISITO
PARCIAL À OBTENÇÃO DO GRAU
BACHAREL EM HUMANIDADES PELA
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA.

Orientadora: Profa. Dra. Joceny de Deus Pinheiro.

RENDEÇÃO-CEARÁ

JULHO/2022

BÁRBARA MARIA ALVES DOS SANTOS

“O MEU COCO É A COR DA MINHA GENTE”

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dra. Joceny de Deus Pinheiro (Orientadora / IH UNILAB)



Prof.ª Dra. Janaina Campos Lobo (Examinadora/ IH UNILAB)



Prof.ª Dra. Daniele Ellery Mourão (Examinadora/ IH UNILAB)

REDENÇÃO-CEARÁ
Julho/2022

Este trabalho é dedicado à minha comunidade e às mulheres da minha vida, as que vivem comigo e as que vieram antes de nós. É dedicado também às crianças da minha vida: Malu, Roger, Isaac, Olavo e Raul.

AGRADECIMENTOS

Esse projeto nunca teria acontecido sem a ajuda de algumas pessoas. Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família, em especial aos meus pais Maria José Martins Alves (Zeza) e Raimundo Filho dos Santos (Pequeno), que não mediram esforços para que eu permanecesse na universidade, que me garantiram o privilégio de apenas estudar, que cuidam desde sempre para que eu chegue onde quiser.

Agradeço aos meus primos Rojane Santos, Regilane Alves, Régila Santos, Roja Alves, Romário Alves, Maria Alves, Rosilene Alves e Robério Alves, e às agregadas do nosso clã: Juliana Anjos e Gedeane Matias, que não deixaram eu me sentir sozinha mesmo quando eu estava, que dividem e vibram comigo a cada uma das minhas conquistas, que diminuem minha saudade de casa com chamadas de vídeo sempre que possível, e que contribuíram ativamente para que este projeto desse certo.

Agradeço também ao grupo de beneficiamento do coco, porque sem ele nada seria possível. Este trabalho é tão deles quanto meu, é tão importante para eles quanto o é para mim. O grupo é protagonista da história que eu queria contar. À minha avó Joana, por ter aceitado aparecer, dando ao documentário parte do saber ancestral que carrega.

Agradeço aos meus amigos Lisandra Freitas, Wellton Alves, Antônio Vicente, Érica Sabino e Samara Fernandes que vivenciaram todo esse processo comigo, que não me deixaram desanimar, com quem troquei ideias quando precisei, que tornaram as outras disciplinas mais leves, que garantiram que eu não entrasse em parafuso. Obrigada por cada um dos momentos de descontração que me permitiram ter.

Agradeço a minha orientadora, Joceny Pinheiro, primeiro por ter aceitado embarcar nessa jornada comigo, segundo por ter sido paciente com minha maneira de trabalhar, pela troca de conhecimento e de experiência, por ter confiado em mim e no meu projeto.

Agradeço ao CETRA, que foi extremamente importante para a afirmação da minha identidade enquanto mulher, negra, jovem rural, herdeira de uma história de luta e resistência, que foi onde aprendi sobre agroecologia e sobre como tecer um novo olhar acerca do meio rural. A Antônio Pinheiro de Freitas, Dr. Pinheiro (em memória), fundador do CETRA e advogado, que usou do seu ofício para lutar pela desapropriação da terra onde hoje fica o assentamento Maceió e que foi tão apaixonado por aquela terra e aquela gente quanto eu sou hoje.

Por fim, agradeço a Deus, aos encantados e a todas as divindades do universo que me mantiveram sã e que iluminaram meus caminhos colocando tanta gente maravilhosa nele.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. JUSTIFICATIVA.....	11
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
3.1 Economia Solidária.....	13
1.2. O papel da juventude na economia solidária.....	16
4. METODOLOGIA.....	18
5. ETAPAS DE REALIZAÇÃO	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

RELATÓRIO DE PESQUISA E COMPOSIÇÃO DE VÍDEO

Título do Vídeo: “O MEU COCO É A COR DA MINHA GENTE”

Duração: 21m25s

Entrevistadas por ordem de aparição:

Dona Joana e Rojane Santos

Trilha Sonora:

Raízes – Composição de Orlângelo Leal

Canto de coco para Azuleika e Asa Branca – Abidoral Jamacaru

Intérprete – Banda Dona Zefinha

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar como foi desenvolvido o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no formato audiovisual, intitulado “O Meu Coco é a Cor da Minha Gente”, acerca do tema economia solidária e permanência de juventudes rurais no campo, a partir da experiência do grupo de beneficiamento do coco da comunidade de Sítio Coqueiro, no Assentamento Maceió, em Itapipoca-CE. O trabalho problematiza sobre o que leva as juventudes rurais a saírem de seus territórios, e como isso impacta nos processos de sucessão rural e reforma agrária, além de apresentar a economia solidária como uma possibilidade concreta de garantir o poder de escolha entre permanecer no território ou dele partir.

Palavras-chave: Juventudes; Economia Solidária; Permanência; Beneficiamento do coco.

1. INTRODUÇÃO

*Eu vou reescrever as novas regras
Pra mudar o rumo desse jogo
Sou nascido e moro nessa terra
Mas se eu morrer me deixe morto
Já que sou pedaço desse chão*
Caju – Silva

O documentário “O Meu Coco é a Cor da Minha Gente” é a tentativa de capturar a essência da relação das juventudes da comunidade de Sítio Coqueiro, no Assentamento Maceió em Itapipoca-CE, com a Economia Solidária e esta como uma das estratégias para permanecerem no território. É um trabalho que tem como pano de fundo o dia a dia do grupo de beneficiamento do coco e a produção do óleo de coco, da coleta da matéria prima à comercialização na Feira Agroecológica de Itapipoca.

O principal objetivo desse projeto era traçar uma relação entre a economia solidária e a permanência das juventudes rurais no campo, usando a experiência de Sítio Coqueiro como referência, além de mostrar a importância dessa permanência na garantia da cultura e soberania alimentar e da continuidade dos processos de reforma agrária e sucessão rural. Assim, perceber as experiências de economia solidária como sendo mais do que uma proposta contrária ao capitalismo, estando diretamente ligadas com a afirmação das identidades no território, como é o caso apresentado em questão.

Nesse sentido, desenvolver esse projeto no formato audiovisual foi a maneira de aproximar o espectador do lugar de onde se fala, garantindo uma experiência sensorial daquilo que dificilmente conseguiria colocar nas páginas de um trabalho escrito. Pesquisar sobre juventudes rurais, economia solidária, convivência com o semiárido, agroecologia, permanência no campo, são assuntos que dizem respeito a parte de tudo que compõe minha identidade: sendo eu de comunidade rural, de área de assentamento. Por isso, essa foi a maneira mais significativa e justa que encontrei de apresentar a comunidade em que vivo e meu olhar sobre ela. Além disso, realizar esse trabalho me permitiu explorar as habilidades adquiridas como amante da fotografia, e descobrir novas possibilidades durante um processo de produção que se mostrou desafiador. Tive a chance de ter total autonomia do que estava sendo produzido, desde o roteiro, captação de imagens, montagem do vídeo, estética e trilha sonora.

“O Meu Coco é a Cor da Minha Gente” é um trabalho individual fruto de um coletivo, é resultado de uma pesquisa imagética e sensorial, é a exibição de uma produção que se tornou espaço de fortalecimento de vínculo, de troca de informações, formações e desconstrução. É um documentário que resguarda as trajetórias de um grupo majoritariamente feminino que sabe que não dá para produzir e viver a agroecologia sem o feminismo, sem a reforma agrária e sem a diversidade.

2. JUSTIFICATIVA

A produção audiovisual de *“O Meu Coco é a Cor da Minha Gente”* nasce do desejo genuíno de mostrar a experiência do grupo de beneficiamento do coco de Sítio Coqueiro, como uma das muitas experiências autogestionadas de economia solidária que pulsam no campo, nas aldeias, quilombos, periferias, que seguem resistindo e se mantendo na contramão do modelo capitalista de economia que reina há muito tempo. Com uma potência capaz de saltar de qualquer página, a experiência apresentada fez com que o ditado popular “uma imagem vale mais que mil palavras” se tornasse uma das motivações plausíveis para toda a idealização do documentário.

A necessidade de falar sobre a importância de meios que viabilizem a permanência das juventudes rurais em seus territórios, uma temática que faz parte da minha vivência e identidade, foi sem dúvida uma das maiores motivações para este trabalho. A migração das juventudes rurais para as áreas urbanas tem sido um dos maiores problemas enfrentados pelo campo com o advento da mecanização e modernização do trabalho rural. A negatividade dos impactos gerados por tal processo é evidente no envelhecimento massivo da população camponesa, nos altos índices de desemprego da juventude, na desestabilização do processo de sucessão rural e até na transformação cultural do território.

Nesse sentido, a economia solidária sendo um modelo alternativo ao capitalismo financiador do agronegócio, responsável em grande parte por esses processos de saída, é pensada neste trabalho como uma opção, tendo em vista que a questão não é sair ou ficar, mas, sim, os motivos que levam essas juventudes a tal dilema. Assim, a economia solidária seria um meio de dar poder de escolha a esses sujeitos.

Embora o êxodo rural, em especial o da juventude ainda seja intenso e os trabalhos realizados no campo tenham tomado novas roupagens, segundo ainda é a agricultura familiar, o trabalho dos pequenos agricultores e agricultoras, que produz 70% do que é posto na mesa dos brasileiros, tendo em vista que o que é produzido pelo agronegócio nos grandes latifúndios do país é destinado à exportação. Sendo assim, as consequências da saída dos jovens do campo caracterizam um cenário desfavorável para toda a economia nacional.

Dessa maneira, garantir a permanência das juventudes rurais no campo é fundamental para a garantia da soberania alimentar, por meio da construção da agroecologia como alternativa concreta para a produção de alimentos saudáveis para a

sociedade. Também é válido ressaltar a importância dessas juventudes nas lutas pela reforma agrária para que assim a sucessão rural se consolide, além da manutenção das culturas produtivas e territoriais.

Todavia, é necessário destacar que os motivos norteadores para tal permanência desses jovens se apoiam na resolução dos fatores que os fazem abandonar o campo. Tendo em vista o intenso sistema patriarcal camponês e a invisibilidade do trabalho desenvolvido pela juventude, é possível atestar a necessidade de se criar meios que além de emancipar esse jovem da renda integralmente familiar, garantam uma vida justa, digna e de qualidade, e isso inclui o acesso à terra e a todo um conjunto de políticas públicas que assegurem essa permanência.

Os estudos feitos para este trabalho (SINGER, 2002. NASCIMENTO et al, 2016. ANA, 2010. FICSHER, TIRIBA, 2013. NOVAIS et al, 2016 etc.) asseguram de muitas formas como a economia solidária é eficaz para o dinamismo da continuidade da juventude no campo, principalmente no que diz respeito a emancipação e criação de novos métodos de trabalho. Porém, estudos como os de Maria Therezinha Liboni e José Roberto Heloani (2016) não abrangem a relação mútua da economia solidária com outros elementos importantes para que a juventude camponesa fique no campo.

Destarte, o objetivo desse projeto é mostrar a relação entre economia solidária e a permanência das juventudes rurais no campo e todos os outros fatores que acompanham esta relação, a partir da análise feita por meio da observação participante da experiência do grupo de beneficiamento de óleo de coco da comunidade de Sítio Coqueiro, Assentamento Maceió, localizada no município de Itapipoca – CE.

É esperado que este trabalho contribua socialmente para a compreensão de que é possível driblar o desemprego sem exploração, viver no campo e ter uma vida de qualidade, sem abuso e violência. Também, na construção de um novo olhar sobre o campo e quem mora nele, além de instigar a busca por maior entendimento sobre os processos de territorialização, da agroecologia como matriz tecnológica da vida no meio rural e a economia solidária como um projeto político de economia popular diretamente ligado com a afirmação das identidades no território.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O interesse principal desse projeto é compreender a economia solidária como possibilidade de garantia da permanência das juventudes rurais no campo, a partir da emancipação financeira advinda desse sistema econômico. Para isso, é necessário analisarmos alguns pontos que atravessam todo o quadro do nosso objeto. Isso porque há muitos temas dentro do que nos propusemos a entender mais profundamente que é essa relação entre economia solidária e a permanência das juventudes no campo. Deste modo, seguimos a partir dos seguintes questionamentos: o que é a economia solidária e quais são os seus impactos?; quais os fatores responsáveis pela saída dessas juventudes de seu local de origem; que tipo de política para a juventude existe hoje no Brasil e se há perspectivas; entender de quem falamos e como se constroem suas identidades a partir das perspectivas de seus lugares.

3.1 Economia Solidária

Economia Solidária é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem.

A economia solidária vem se apresentando, nos últimos anos, como inovadora alternativa de geração de trabalho e renda e uma resposta a favor da inclusão social. Compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas autogestionárias, redes de cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário. [...]

Considerando essas características, a economia solidária aponta para uma nova lógica de desenvolvimento sustentável com geração de trabalho e distribuição de renda, mediante um crescimento econômico com proteção dos ecossistemas. Seus resultados econômicos, políticos e culturais são compartilhados pelos participantes, sem distinção de gênero, idade e raça. Implica na reversão da lógica capitalista ao se opor à exploração do trabalho e dos recursos naturais, considerando o ser humano na sua integralidade como sujeito e finalidade da atividade econômica (BRASIL, 2004 apud LIBONI, 2012, grifo do autor. p.17).

A maneira como se articula este conceito abre um panorama de possibilidades, levando em consideração que a Economia Solidária se fundamenta obviamente na solidariedade, na inclusão social atuando como modelo alternativo não só econômico, mas político, ela propõe uma ruptura das desigualdades e com o modelo econômico exploratório convencional. Sugerindo assim uma socioeconomia que escapa dos fins mercantilistas se fortalecendo na interação social que figura a solidariedade.

Paul Singer (1999), representante dessa corrente vista como movimento social, além de modo de produção, apostava em seus estudos que a economia solidária seria fundamentalmente um caminho para o socialismo. Nesse sentido ele aponta que a autogestão, característica da economia solidária, equivaleria à transição ao socialismo:

Nessa quadra da história do capitalismo, no mundo inteiro e no Brasil também, os jovens não têm perspectiva nenhuma a não ser o desemprego, ou a de ficar se educando durante grande parte da vida para um trabalho que, talvez, jamais surja. E os velhos então? No nosso país uma pessoa com mais de quarenta anos que perde o emprego, e são muitos que perdem, tem certeza que não vai conseguir outro. [...] É obvio para mim que a autogestão não é meramente um remédio para o desemprego. É muito mais do que isso. Mas para que ela seja mais do que isso, tem que começar a ser um bom remédio para essa enorme contradição social que o capitalismo não consegue superar. Se nós, nos diferentes países, conseguirmos, em resposta ao desemprego e à exclusão social, construir empresas tecnologicamente avançadas, de grande porte, democraticamente geridas e que igualem, na medida do possível, todos os seus participantes, ao lado de cooperativas de consumo, tendo toda uma estrutura político cultural ao seu lado, aí sim falar de transição ao socialismo deixa de ser meramente uma esperança. (SINGER, 1999, p. 30 apud LIBONI, 2012, p. 41)

Aqui Singer toca em um ponto crucial para nossa análise: o desemprego da juventude. Não é tão difícil encontrar dados que comprovem a propensão ao desemprego e más condições de trabalho da juventude, se acentuando ainda mais quando os jovens rurais são colocados em foco. Em agosto de 2018 o portal do G1 publicou uma matéria com base numa pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que mostra o percentual de desempregados no país. A percentagem representativa da juventude mais que dobrou a taxa geral que era de 12,4%, chegando a 26,6%. Em 2022, ainda segundo o IBGE, os jovens são os mais atingidos pelo desemprego no Brasil. Isso caracteriza essa população como indivíduos mais vulneráveis não só ao desemprego, mas a trabalhos de baixa qualidade, com pouca ou nenhuma seguridade social, bastante comum no Brasil.

Não obstante, é importante salientar que a juventude, independente do campo relacional a ser pesquisado, não pode ser tratada como um grupo uniforme, pois existem marcadores identitários e de desigualdades que a torna diversificada. Assim, adotamos a perspectiva de juventudes, respeitando desse modo suas particularidades. Dentre essas juventudes, optamos por dar visibilidade à juventude rural, que dentre as várias facetas dessa categoria enfrenta não só o desemprego, mas a falta de acesso a políticas públicas que garantam sua permanência no local de origem, que por sua vez está diretamente relacionado com os seus altos índices de desemprego e é aqui que eles se encontram com a economia solidária.

Maria Therezinha Liboni e José Roberto Heloani (2016) trazem em seu artigo que:

Frente ao cenário exposto acima sobre a realidade do trabalho para os jovens, a geração de trabalho e renda passa a ser alvo de políticas públicas, e os empreendimentos da Economia Solidária são indicados como uma das alternativas, inclusive para jovens do campo (Santos, 2011; Barcellos e Mansan, 2014). Costanzi (2009, p. 128), em relatório da OIT “Juventude e trabalho decente no Brasil”, preconiza: “É necessário levar em consideração outras alternativas de geração de trabalho e renda, como o empreendedorismo, individual ou coletivo, os empreendimentos econômicos solidários, como empresas autogestionárias, cooperativas, agricultura familiar e outras formas” (grifo do autor).

Aqui, os autores reforçam dois pontos importantes para nossa análise que é a geração da renda, e a partir da economia solidária, que também estão locados na seção três do Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013), nos Art. 14 e 15, que garantem o direito à profissionalização, trabalho e renda, segurança, equidade, adequadamente remunerado e proteção social, e que o poder público efetive tais direitos a partir de sete medidas (BRASIL, 2013), cada uma com suas observações, as quais nos apoiaremos mais firmemente na medida I, que assegura a promoção de formas coletivas de organização para o trabalho, de redes de economia solidária e da livre associação (idem, 2013); e na VI, que ilumina as juventudes rurais, garantindo apoio ao jovem trabalhador rural na organização da produção da agricultura familiar e dos empreendimentos familiares rurais, por meio das seguintes ações:

- a) estímulo à produção e à diversificação de produtos;
- b) fomento à produção sustentável baseada na agroecologia, nas agroindústrias familiares, na integração entre lavoura, pecuária e floresta e no extrativismo sustentável;
- c) investimento em pesquisa de tecnologias apropriadas à agricultura familiar e aos empreendimentos familiares rurais;
- d) estímulo à comercialização direta da produção da agricultura familiar, aos empreendimentos familiares rurais e à formação de cooperativas;
- e) garantia de projetos de infraestrutura básica de acesso e escoamento de produção, priorizando a melhoria das estradas e do transporte;
- f) promoção de programas que favoreçam o acesso ao crédito, à terra e à assistência técnica rural; (BRASIL, 2013, grifo nosso.)

Entretanto, embora o Estatuto garanta essa série de direitos, é necessário frisar que poucas são as ações efetivas realizadas pelo poder público, tendo em vista que a saída das juventudes rurais do campo é crescente e “(...) apresenta consequências negativas para as vivências no campo como a descontinuidade no processo de sucessão rural, o envelhecimento da população camponesa - [...] - e a masculinização no meio rural” (NASCIMENTO e col.2016, p.23). Outrossim, Nascimento e col. (2016) apontam elementos que contribuem para o êxodo desses jovens, como “os processos de

mecanização do trabalho rural, o avanço do agronegócio e a ampliação do capitalismo agrário” (idem, 2016, p.36), bem como as relações de gênero, educação e lazer, que são precários no campo.

1.2.O papel da juventude na economia solidária

Tendo a agricultura como principal fonte de renda, as juventudes camponesas, para além dos fatores já citados, ainda convivem com os discursos que envolvem o trabalho no campo, empregados como herança cultural de pais, avós e assim sucessivamente, que veem na escolarização dos filhos e no trabalho fora do campo uma maneira de “melhorar de vida” e “ser alguém na vida”, além disso, é importante destacar a invisibilidade do trabalho executado pelos jovens, em especial o das jovens mulheres.

Segundo Nascimento (2016), “[...] o trabalho de jovens e mulheres é invisibilizado ou considerado secundário do ponto de vista da relevância financeira da família.” Isso porque o pai, o “homem da casa” é visto como único provedor da família, assim, é ele quem administra as contas da casa e como acontece a distribuição do dinheiro para tal. “Na agricultura familiar, em especial, esse trabalho se configura como “ajuda” [...] e a ausência de remuneração direta aparecem como fatores limitadores no trabalho dentro das propriedades rurais, contribuindo para impulsionar sua saída do campo [...]” (NASCIMENTO, 2016, p.36).

Apesar de todos os problemas micro e macro estruturais que caracterizam as questões de permanência das juventudes rurais no campo, como as violências, os discursos mal empregados pelas famílias, o não reconhecimento do trabalho dos jovens no processo produtivo; as políticas desenvolvimentistas adotadas pelo país na década de 1940 que são responsáveis pelo avanço do agronegócio, pelas questões fundiárias que atravessam os processos de reforma agrária, entre outros, o coletivo de juventude que será apresentado no presente trabalho, mesmo com os problemas acima, encontraram, na economia solidária ancorada na produção agroecológica, perspectivas de permanência e sucessão rural.

Isso acontece porque a agroecologia, assumida como estilo de vida e matriz tecnológica, permite a consolidação da soberania alimentar, valorizando a vida acima de tudo, incluindo não só as práticas sustentáveis de cuidado com os ecossistemas, terra e água, mas também as relações que se firmam para que o processo produtivo aconteça, perpassando as violências de gênero, raça, homofobia, assumindo que se há violência não

há possibilidade de existir agroecologia. Tal proposição fortalece e valoriza o trabalho de todos, constituindo-se como elemento fundamental para a permanência das juventudes nas áreas rurais.

A Economia Solidária, portanto, por meio da agricultura familiar, das agroindústrias familiares, das redes de feira que permitem a comercialização dos produtos diretamente ao consumidor, permite um relacionamento de confiança entre quem produz e quem consome, que por sua vez tem a chance de saber de onde vem e como foi o processo para o produto chegar nas suas mãos. A maneira como a juventude rural tem ocupado esses espaços tem lhe dado emancipação mínima da renda produzida pela família. Assim, a necessidade de emigrar para a zona urbana é pensada apenas como possibilidade e não como a única opção viável para uma vida de qualidade.

4. METODOLOGIA

O presente trabalho teve como ponto de partida um projeto de pesquisa realizado para a disciplina de Leitura e Produção de Texto 2, que também objetivava evidenciar essa relação entre Economia Solidária e juventudes. Foi esse projeto que direcionou minha linha de pesquisa. Entretanto, ele limitava o alcance do meu objetivo principal apenas àqueles que possuísem algum grau de alfabetização e eu esperava que pessoas como meus avós, que são analfabetos, assim como outras pessoas da minha comunidade, pudessem entender a mensagem do meu trabalho. Foi assim que o audiovisual se apresentou como a melhor maneira de alcançar um público maior e mostrar de maneira prática como economia solidária e juventudes se relacionam.

Para isso, contei com a análise bibliográfica que já havia feito em LPT2, mais uma análise fílmica de alguns documentários e séries documentais no *YouTube* sobre o tema em questão. Entre os documentários assistidos estão *ATER para transição agroecológica*, dirigido por Henrique Lee a partir do Serviço de Tecnologia Alternativa – SERTA, no Pernambuco; *Guardiões da Terra – Agroecologia em Evolução* (2018), da Articulação Nacional de Agroecologia – ANA, dirigido por Antônio Bento Mancio e Fabricio Menicucci; *Juventude na Construção do Futuro da Agricultura Familiar*, produzido pelo Polo da Borborema e AS-PTA, celebrando os 20 anos do Polo da Borborema, em 2016; o curta-metragem “*O que é Agroecologia*”, produzido pelos jovens Rafael Forsetto e Kiane Assis, vencedor do Concurso Global de Vídeos da Juventude Sobre Mudanças Climáticas – TVEBioMovies 2019, impulsionado pela Organização das Nações Unidas (ONU); e a série documental produzida pelo canal *Futura Diz* *Aí Juventude Rural*, de 2014, onde o grupo enquanto Balanço do Coqueiro aparece como uma das experiências.

A partir desse casamento de fontes bibliográficas e audiovisuais, pude direcionar a construção do roteiro, que só tomou forma de fato com o início da captação de imagens. Conforme ia gravando via melhor o que seria essencial para o vídeo, o que daria profundidade à história que seria contada e quais pontos da comunidade seriam importantes para linkar tudo que precisava ser mostrado. Foi quase um processo inverso: primeiro grava, depois constrói roteiro. Estar em casa, devido a pandemia, tornou o processo de filmagem mais fácil, tendo em vista que além de ser membro do grupo, a produção era realizada no alpendre de casa, ou seja, acompanhava todo o processo de produção de perto. Foi quase um ano de filmagens, com pequenos períodos de intervalo.

A pandemia do coronavírus, assim como em qualquer lugar do mundo, também afetou a comunidade. Porém, conseguimos driblar a contaminação com os cuidados solicitados pela OMS, que incluem o uso de máscara, álcool em gel, distanciamento etc., até junho de 2021, quando algumas pessoas testaram positivo para o vírus. Como a comunidade é pequena, com um contingente de cerca de 32 famílias, e uma localização que limitou o trânsito entre comunidades, foi mais fácil de manter o vírus longe, do seu início em 2020 até a primeira contaminação em 2021. Apesar disso, de todas as comunidades do assentamento, a comunidade de Sítio Coqueiro foi de longe a mais responsável em relação à pandemia. Nesse período, as feiras agroecológicas aconteceram virtualmente, tanto a de Fortaleza quanto a de Itapipoca, e esse formato garantiu um salto nas vendas do grupo.

Além da filmagem observacional do grupo, sua dinâmica e o processo de produção, algo que foi inerente ao roteiro foi a necessidade de entrevistas, pois, sem elas, o filme não teria o mesmo sentido. Com isso, realizei duas entrevistas não estruturadas. A ideia era fazer um contraste geracional sobre a produção do óleo de coco, então gravei com Dona Joana, minha avó, e Rojane Santos, que é uma das principais integrantes do grupo atualmente. Adotar a entrevista não estruturada como método nesse caso permitiu que as duas entrevistadas falassem livremente o que consideravam importante sem se sentirem pressionadas. Para complementar a composição do projeto, busquei uma trilha sonora que desse ainda mais identidade à proposta. Assim, fiz questão de dar à Banda Dona Zefinha esse papel, que além de ser uma banda de Itapipoca, possui nas duas músicas escolhidas elementos que se relacionam intrinsecamente com o material audiovisual.

5. ETAPAS DE REALIZAÇÃO

As etapas de pré-produção e produção deste projeto aconteceram quase simultaneamente. O roteiro foi sendo desenvolvido junto com as gravações, que de modo geral foi um processo bem tranquilo. Todas as filmagens foram feitas pelo celular, tanto da comunidade quanto dos ambientes onde foi realizada a produção do óleo de coco, além de contar com a ciência e apoio do grupo em todos os registros. O fato de ser alguém que também estava dentro da dinâmica do grupo, possibilitou que toda e qualquer comunicação que precisasse ser estabelecida para o andamento do processo, acontecesse de maneira orgânica, algumas vezes entendida no olhar, numa confiança que foi ainda mais fortalecida com o fato de ser eu do outro lado da câmera.

Iniciei a captação de imagens em meados de julho de 2021 e finalizei em maio de 2022, o que acabou permitindo que eu fosse me entendendo melhor com meu parceiro de jornada, o celular. Eu já tinha alguma noção de enquadramento, luz e som por ter certa experiência e paixão com a fotografia, mas ver todo o material bruto captado na ilha de edição me mostrou o quanto meu olhar evoluiu na percepção de como cada coisa acontecia e cada lugar que gravei. Foi quase uma hora de material bruto gravado, da coleta da matéria prima até a comercialização na Feira Agroecológica de Itapipoca, nas andanças pela comunidade, sozinha ou com companhia, de manhã, no ponto do meio-dia ou no fim da tarde. Todos esses momentos me fizeram olhar de novo para minha comunidade.

A pós-produção foi de longe a etapa mais complexa e difícil do projeto. Eu não tinha acesso aos programas de edição, tampouco recursos para pagar alguém que fizesse a montagem do documentário para mim. Então pesquisei programas com uma interface prática e que não fosse tão pesado para o notebook. Encontrei o *Shotcut*, que é um editor de vídeo gratuito e que, apesar de todos os contratemplos com travamento, foi o que mais se adequou às minhas limitações. Fui aprendendo a usá-lo com tutoriais no *YouTube*. Além dele, o *Canva* foi uma plataforma maravilhosa no quesito estética, e foi onde construí a abertura e a ficha técnica do vídeo.

A edição durou cerca de dois meses, mais pela minha dificuldade em definir o que entraria no vídeo, do que por qualquer outra coisa. Foi difícil desapegar dos trechos que acabaram não sendo tão essenciais na construção do resultado. Em compensação, foi muito divertido ajustar luz e sons, assim como incluir texto, música, fazer recortes, sobreposições e encaixes, tudo para resultar no que agora constitui “*O Meu Coco é a Cor da Minha Gente*”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenha sido um processo bastante cansativo, ver “*O Meu Coco é a Cor da Minha Gente*” pronto foi extremamente gratificante e emocionante. Fiquei em êxtase com o resultado, com algo que foi inteiramente produzido por mim, desde a idealização até o fim. Trabalhar nesse documentário foi minha maneira de reafirmar minha identidade como jovem rural que não renuncia ao direito de escolher onde viver, foi a maneira de me sentir mais próxima de casa e matar a saudade por estar tão longe, é a minha declaração de amor ao chão de onde vim, para onde quero sempre retornar e às pessoas que me formaram.

Mais do que um projeto científico e de conclusão de curso, este trabalho fala da necessidade de fortalecer as experiências de economia solidária, a agroecologia e a organização das juventudes rurais. Fala do quanto é importante dar continuidade aos processos de sucessão rural e reforma agrária, lança luz sobre a participação feminina nesses processos e que todas essas pautas interessam às juventudes. Nos interessa porque o meu coco é a cor da minha gente, porque sem feminismo não há agroecologia, sem reforma agrária não há agroecologia, porque queremos bem viver no campo. É um trabalho para mostrar que seguimos esperando, assim como diz Paulo Freire, “esperançar é não desistir”.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATER para transição agroecológica. Direção: Henrique Lee. Produção: Agência Pavão. YouTube: 03 de agosto de 2018. 25m40s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sBQ_3mPerBw&t=327s Acesso: 12.jul.2021

BRASIL. Estatuto da Juventude. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm Acesso: 14.nov.2019

DIZ aí juventude rural – Educação Informal. Produção: Canal Futura. YouTube. 27 de junho de 2014. 7m20s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eyqk41D4wqw&t=302s> Acesso: 15.jul.2021

DIZ aí juventude rural – Identidade. Produção: Canal Futura. YouTube. 26 de maio de 2011. 9m0s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AlhqskKjriw> Acesso: 15.jul.2021.

DIZ aí juventude rural – Sustentabilidade e Renda. Produção: Canal Futura. YouTube. 26 de maio de 2011. 7m.11s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L40DGi7lepQ> Acesso: 15.mai.2021.

FISCHER, Maria Clara Bueno; PEREIRA, Anny; TIRIBA, Lia. **Juventude, associativismo e economia solidária: “não é por centavos, é por direitos”**. 2013. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3831/1/bmt55_econ03_juventude.pdf Acesso: 04.mar.2022.

GUARDIÕES da Terra – Agroecologia em Evolução. Direção: Antônio Bento Mancio; Fabrício Menicucci. Produção: Vallente Filmes. YouTube. 19 de setembro de 2021. 1h03m24s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AiwhkfIF_og&t=570s> Acesso: 17.jul.2021.

JOVENS são os mais atingidos pelo desemprego no Brasil, diz IBGE. Jornal Nacional/G1, 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/01/jovens-sao-os-mais-atingidos-pelo-desemprego-no-brasil-diz-ibge.ghtml#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=16578403291948&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&share=https%3A%2F%2Fg1.globo.com%2Fjornal-nacional%2Fnoticia%2F2022%2F06%2F01%2Fjovens-sao-os-mais-atingidos-pelo-desemprego-no-brasil-diz-ibge.ghtml Acesso: 25.jun.2022.

JUVENTUDE na construção do futuro da agricultura familiar. Produção: AS-PTA; Polo da Borborema. YouTube. 27 de outubro de 2016. 39m47s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TNRnHUBhVdA> Acesso: 18.jul.2021.

LIBONI, Maria Therezinha Loddi. **Pais e filhos problematizando a economia solidária como alternativa de trabalho para os jovens.** 2012.

Disponível

em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/250928/1/Liboni_MariaTherazi_nhaLoddi_D.pdf Acesso: 13.nov. 2019.

LIBONI, Maria Therezinha Loddi; HELOANI, Jose Roberto. **Juventude rural, trabalho e identidade: a experiência de participação em empreendimento rural de Economia Solidária.** Disponível em:

<https://www.revistaotraeconomia.org/index.php/otraeconomia/article/view/otra.2016.10>
Acesso: 14.nov.2019.

NASCIMENTO, Erica; FERRAZ, Janaína Maria de Paiva; MELO, Maria Cristina Aureliano de; DANTAS, Synara; BONFIM, Waneska. **Juventude e permanência no campo: reflexões das juventudes rurais sobre possibilidades, limites e desafios.** Recife: Centro Sabiá, 2016.

NOVAIS, Tatiana Oliveira et al. **A economia Solidária como uma forma de promoção da juventude no campo.** Com. Ciências Saúde. 2016; 27(3):223-230.

Disponível em:

https://bvsm.sau.gov.br/bvs/periodicos/ccs_artigos/economia_solidaria_forma_promocao.pdf Acesso: 20.abr.2022

O QUE é agroecologia?. Direção: Rafael Forsetto; Kiane Assis. YouTube. 3m0s. 19 de agosto de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5svhDXrauLk>
Acesso: 18.jul.2021.

PONTES, Nádía et al. **Quem produz os alimentos que chegam à mesa do brasileiro?**

Disponível em: <http://www.asbraer.org.br/index.php/rede-de-noticias/item/3510-quem-produz-os-alimentos-que-chegam-a-mesa-do-brasileiro#:~:text=Quando%20se%20consideram%20alimentos%20consumidos,%2C%20milho%2C%20leite%2C%20batata.> Acesso: 14.nov.2019.

SGUAREZI, Sandro Benedito. Economia solidária e agroecologia: juventude camponesa e projetos produtivos em assentamentos de reforma agrária. Guaju, v. 4, n. 1, p. 25-42, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/58651>
Acesso: 10.fev.2022

SILVEIRA, Daniel. **Desemprego entre os jovens e superior ao dobro da taxa geral aponta IBGE.** Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/08/17/desemprego-entre-os-jovens-e-superior-ao-dobro-da-taxa-geral-aponta-ibge.ghtml> Acesso: 13.nov.2019.